

Simpósio Temático 26

Fernando Scaff Moura
Universidade Tuiuti do Paraná

Título da Comunicação: Romances de espionagem: Um novo olhar sobre a guerra fria.

RESUMO: A proposta dessa pesquisa é analisar, primeiramente, o cenário que permite que esse novo gênero se inicie, afinal, mesmo que o personagem espião exista em romances medievais, e esta função nos remeta até mesmo a guerra do Peloponeso, o romance de espionagem, como gênero literário, é fruto da Guerra Fria, seus conflitos políticos, suas novas tecnologias e o mundo que se torna globalizado.

Este período que se estende de 1945 até 1989, traz não somente o espião herói, mas também o vilão típico, os agentes russos, retratados por vezes de maneira vil, como sendo cruéis e sanguinários, por outras como homens inteligentes, cultos mas fanáticos. Estes vilões se enquadram na visão dos autores desses romances pelos acontecimentos que se estenderam ao longo do século XX. Como o Embargo a Cuba, em 1962, a corrida espacial, a guerra do Vietnã, a China comunistas, entre tantos outros momentos em que as duas potências que regiam o mundo sob a guerra fria, Estados Unidos e a Rússia, se tocavam, até que, com a queda do Muro de Berlim, se dá um fim ao status mundial da guerra fria. Ao menos na literatura o vilão comum sai de uso, e uma renovação no gênero acontece.

Neste íterim encontramos dois tipos de narrativas comuns nos romances de espionagem que, por parte desta pesquisa, se convencionou chamar de Romances Novelescos e Romances Clássicos. Os Romances Novelescos se aproximam da forma narrativa de Ian Fleming, autor da série James Bond. Seu espião é um herói cuja morte não é imaginada e de todos os problemas se esperam uma solução que seja em benefício de sua causa. O espião é um standard de seu país, e a ação é sempre a melhor opção. Já os Romances Clássicos se aproximam da temática usada por John le Carré, com espiões intelectuais, onde ser um agente secreto é uma profissão repleta de problemas burocráticos, com chefes intrometidos e o jogo de espionagem também se dá com o jogo de vaidades que acontece entre os espiões aliados como, por exemplo no livro “O espião que sabia demais”, cujo filme foi exibido em fevereiro de 2012 no Brasil, encontramos toda a politicagem dentro da agencia de espionagem, a paranoia e o a briga por poder entre os espiões. São romances como esse nem sempre o problema é a Rússia e retrata a espionagem com olhos críticos.

Estes dois autores são tomados como referência, pois atuaram como espiões ingleses e tornaram-se autores consagrados. Serão as obras deles a serem analisadas nesta pesquisa, mantendo como referenciais teóricos para ajudar na análise autores como Roger Chartier e suas visões sobre a história da literatura para analisar o texto e o livro dentro do período proposto para estudo, Michael Foucault e suas tramas de poder que será uma ferramenta indispensável para entender a Guerra Fria e Umberto Eco, com suas visões sobre narrativas e com seu texto “*James Bond: Uma Combinatória Narrativa*”, uma das poucas análises sobre os romances de espionagem encontradas para dar base a pesquisa.

Assim, pretendemos fazer uma breve historiografia desse gênero literário frisando algumas mudanças que a Guerra Fria permitiu; analisar os romances de espionagem catalogando-os em Novelescos e Clássicos, nos atendo a alguns romances de Ian Fleming e John le Carré, onde definiremos, também a diferença entre Espião e Agente

Secreto e, por fim, fazer uma breve análise dos novos romances de espionagem e as tentativas atuais de reestruturar o gênero.